



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/>

## Arquivização patafísica de uma neociência ubuesca inventada sob inspiração foucaultiana

Isabel Cristina Dalmoro [1]

Suelen Assunção Santos [2]

**RESUMO:** Trata-se de apresentar os contornos da escrita de uma Tese que lida com filosofia, ciência e arte. Tese que investiga práticas discursivas situadas em região de cientificidade que, sob aparência de soluções imaginárias, possibilitam pensar em uma suposta ciência que se ocupa com a imaginação e o humor grotescos, com vida e morte e com verdades simbólicas. Elementos que se entrelaçam ao poder ubuesco, mencionado indiretamente por Michel Foucault na obra *Os Anormais* (1974-1975). O estudo insinua aproximações com a literatura de Alfred Jarry, de maneira especial em suas criações Pai Ubu e 'Patafísica – a ciência de soluções imaginárias. Como procedimento metodológico, optamos pela arquivização que junta a noção de arquivo foucaultiana com a imaginação recriadora, segundo Aquino (2019). Destacamos que as apostas conceituais da pesquisa impulsionam a imaginação ubuesca, bem como a 'Patafísica ganha força como ferramenta analítica potente para examinar soluções imaginárias grotescas nas práticas discursivas em região de cientificidade, dando assim condições de possibilidade para invenção da neociência ubuesca.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poder ubuesco. Imaginação ubuesca. Ciência. Educação em Ciências. Discurso.

---

## Pataphysics archiving of an invented ubuesque neoscience under Foucauldian inspiration

**ABSTRACT:** This article presents the outlines of a dissertation that deals with philosophy, science, and art. The dissertation investigates discourse practices in science regions that, undercovered as imaginary solutions, allow to think of an assumed science that takes care of grotesque imagination and humour, life and death, and symbolic truths. These elements are tangled to ubuesque power, indirectly mentioned by Michel Foucault in his work *Abnormal* (1974-1975). This study insinuates



approaches to the literature of Alfred Jarry, especially with his creations Pa Ubu and 'Pataphysics – the science of imaginary solutions. As methodological procedures, we chose archiving, that gathers the Foucauldian archiving with the recreating imagination, according to Aquino (2019). We highlight that the conceptual bets of the research boost the ubuesque imagination, as well as 'Pataphysics gains force as a potent analytical tool to examine grotesque imaginary solutions in discourse practices in science regions, thus allowing the possibility to inventing the ubuesque neoscience.

**KEYWORDS:** Ubuesque power. Ubuesque imagination. Science. Science education. Discourse.

---

“[...] como um conceito – carregado ainda de metáforas ou de conteúdos imaginários – se purificou e pôde assumir *status* e função de conceito científico.”  
(Foucault, 2020, p. 229)

### **Apresentação e [des]fazimentos das palavras acostumadas**

Esboçamos nesse texto contornos da escrita de uma Tese que tem como objetivo analisar práticas discursivas situadas em regiões de cientificidade que, sob aparência de soluções imaginárias, possibilitam pensar em uma suposta ciência que se ocupa com a imaginação ubuesca. Ao mesmo tempo essa suposta ciência lida com o humor grotesco, com vida e morte, e retrata verdades simbólicas. A Tese abriga-se junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – e vincula-se à Linha de Pesquisa que investiga implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos e de currículos. Para tanto, utilizamos autores da perspectiva pós-estruturalista. Em específico, descrevemos uma escrita forjada sob inspiração filosófica em Michel Foucault (1926-1984) insinuando aproximações com a literatura do poeta e dramaturgo Alfred Jarry (1873-1907), especialmente em duas de suas invenções: Pai Ubu e 'Patafísica – a *ciência de soluções imaginárias*. A aproximação da obra de Jarry (2021) com a perspectiva filosófica de Foucault (2010) acontece pelo uso do adjetivo *ubuesco* para um modo de dizer o poder – nesse caso, poder ubuesco. Delineamos a seguir alguns dos elementos que impulsionam o estudo realizado.



Ubuesco tem sua derivação em Ubu, protagonista da peça *Ubu-Rei* (1896). A criação teatral conta em cinco atos as peripécias grotescas de Pai Ubu, que toma o governo da Polônia ao assassinar o rei que ocupava o trono e se autoproclama Rei Ubu. Ao tomar o cargo expõe seu lado déspota, assinalado por mandos e desmandos realçados pela tirania e pela presença acentuada da própria covardia. Por conta de suas falas, Ubu carrega um tipo de humor às avessas, fortemente lembrado pelo tom sarcástico e grosseiro (Dalmoro, 2019).

O poder ubuesco é referido indiretamente nas duas primeiras aulas que compõem o curso *Os Anormais* (1974-1975). Nessa obra, Foucault analisa a emergência da noção de anormalidade, partindo das ditas anomalias citadas de maneira grotesca nos relatórios elaborados por peritos psiquiátricos em matéria penal. Para o autor, o poder ubuesco integra a engrenagem grotesca na mecânica do poder e está presente no funcionamento político desde muito tempo na história das sociedades pelo qual decorre a “maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz” (Foucault, 2010a, p. 11). Além disso, o poder ubuesco agrega um discurso que tem – ao mesmo tempo – três características, quais sejam: i) poder de verdade, pois oriundo da instituição judiciária possui estatuto científico, formulado por pessoas ditas qualificadas, ii) poder de vida e de morte, já que pode determinar a liberdade ou a detenção de um indivíduo – em alguns casos, de acordo com a decisão de justiça, pode levá-lo à morte, e iii) poder de fazer rir. Riso irônico, efeito de um humor sarcástico, por conta das expressões grotescas utilizadas nos relatórios dos tais peritos. A desqualificação desse profissional e a convergência das características de tais propriedades em seu relatório fazem lembrar o discurso caricato/grotesco/ridículo de Ubu. Ainda, pelo modo de ajuntamento dessas propriedades, numa sociedade como a nossa, evidenciamos um discurso que merece um pouco de atenção, lembrando Foucault. Um discurso que é ao mesmo tempo estatutário e desqualificado. Nesse fluxo, nos perguntamos: o que pode um discurso que guarda em si, simultaneamente, as características de se mostrar como potência com poder de vida e de morte, poder de verdade e poder de fazer rir? Riso acentuado pelo humor grotesco, ubuesco. Em quais condições ganha força? Como dizer seus possíveis efeitos? E quando tal discurso se volta para a ciência em geral, o que pode? Há possibilidades de resistência? Ou de respostas racionais ao que produz, quando propõe simultaneamente soluções imaginárias para problemas [in]existentes que se mostram em práticas discursivas situadas em regiões de cientificidade? De que maneira se manifesta: como um desarrazoado científico ou como uma *neociência*?



Nos deparamos também com o desafio principal do exame do discurso que se vale do poder ubuesco: como combatê-lo? Segundo Leme (2018), tanto o ubuesco como o grotesco, sua variante, são mecanismos do poder, engrenagens que servem à despolitização e à exasperação, uma vez que por tais mecanismos atravessam a autodesqualificação do governante e o desespero dos governados. Nesses casos, “O que fazer? Foucault sugere-nos um meio riso”, destaca Leme (idem, p. 185). Inquietações que movem nossa escrita. Outro exemplo das implicações do poder ubuesco envolve o estudo sobre a rede discursiva da Educação Ambiental muitas vezes tratada sob a esfera irônica no que envolve seus próprios discursos. Assim, do poder ubuesco, “podemos aferir que se trata de uma força que é capaz de fazer agir e de interditar”, conforme Dalmoro (2019).

Numa proposta de desdobramento do poder ubuesco, como ferramenta analítica, temos como uma das apostas conceituais da escrita a *imaginação ubuesca*. Dentre as eventuais nuances da imaginação humana, e dadas as possibilidades pelas quais ela pode ser dita anormal, científica, material, formal, cósmica, amarrada, penetrante, dissimulada, vadia, zombeteira, divertida e mórbida, caracterizadas desses modos sob inspiração bachelardiana e foucaultiana, especulamos sobre a imaginação nas descrições grotescas lidas e comentadas por Foucault ao longo das aulas que compõem a obra *Os Anormais* (1974-1975). Descrições literárias mencionadas ao longo do estudo da problemática da anormalidade que se mostram compatíveis a uma imaginação que lida com o grotesco, possibilitando assim pensar numa *imaginação ubuesca*. Imaginação essa que se multiplica no vocabulário irônico que perambula nos limiares da cientificidade. Nessa direção, a proposta de pensar numa *imaginação ubuesca* ricocheteia na imaginação dita literária, tal como inventada por Bachelard (2019, p. 22), pela qual “a imaginação literária desimagina para melhor reimaginar”. Desimaginamos para reimaginar. Supomos, assim, uma imaginação que faz parte da formação da ciência que, por conta dos efeitos de um modo de imaginar e descrever remete à categoria do ubuesco e pode ser pensada como um mecanismo que se agrega ao poder ubuesco. Destacamos ainda que, ao longo do estudo, nos ocupamos com a imaginação num cenário de via dupla. Ora a temos como noção estudada, ora como parte da trama que compõe o procedimento metodológico adotado para essa pesquisa. Às vezes mais d’uma, às vezes mais d’outra. Em síntese, acolhemos a imaginação como força de escrita.

Nessa correnteza, apresentamos outro elo de aproximação que possibilita pensações entre as escritas de Foucault e Jarry, a ‘Patafísica. Descrita com a *ciência de soluções imaginárias* (Jarry,



1996), dela pode ser dito que se trata de uma ciência que examina as exceções no próprio interior da ciência, fazendo com que essa pense sobre si mesma. Nesse sentido, é criação sobre a criação. Ao fazer a ciência pensar sobre si mesma, a 'Patafísica o faz não para completá-la, mas para desequilibrá-la. Ora, examinar exceções também é examinar anormalidades, anomalias. Ainda, como ciência das ciências, de acordo com Shattuck (2016, p. 41-43), a 'Patafísica sempre existiu. E sempre existirá. Existe desde que o ser humano coçou pela primeira vez a cabeça para acalmar a coceira do pensamento reflexivo.

Como procedimento metodológico adotamos a *arquivização* – junção de arquivo + imaginação. De acordo com Aquino (2019), a arquivização pode ser adotada como um procedimento investigativo que favorece encontros que superam análises de materiais históricos. Pensa nela como composta de “potências ativas na qualidade de pontos de inflexão que mobilizam e produzem ressonâncias, dada sua capacidade de produzirem desvio” (Aquino, 2019, p. 113). Nessa proposta encontramos uma atualização do arquivo em Foucault, atualização que envolve aberturas para a imaginação recriadora. Cabe ao investigador, no caso, investigadoras, em sua tarefa arquivística, manusear seu arquivo, mapear encontros e afastamentos das coisas que acomoda, interrogar suas fontes e nessa movimentação encontrar brechas que possibilitem o desvio, o imaginário. Ao juntar a imaginação recriadora com arquivo, possibilitando a arquivização, encontramos na proposta de Aquino um vetor potente de um elo patafísico por se tratar de uma investigação acerca da possibilidade de uma neociência que tem como base de construção a *ciência de soluções imaginárias* pensada por Jarry. Pois o arquivo em questão – o nosso – não somente fala da imaginação, mas também a faz falar.

Tratar de poder em Foucault é compreender que ele pode ser considerado também como uma força, como algo inventivo que fabrica, observa e se multiplica a partir de seus próprios efeitos. Força que “produz realidades e rituais de verdade” (Foucault, 2014a, p. 189). Envolve igualmente um jogo em que estão em campo relações de poder. Relações que são consideradas como relações de força reversíveis e de pequenos enfrentamentos, como modos de ação entre uns e outros. Poder não é, portanto, somente repressivo.

Tomamos como significação para as *regiões de cientificidade* as regiões heterogêneas pertinentes às práticas discursivas em suas variantes que respondam a critérios formais de cientificidade. De acordo com Machado (2007, p. 8-11), tanto Bachelard como Canguilhem, mencionados por



Foucault n' *Arqueologia do saber* (1969) – obra que impulsiona a utilização da expressão –, concentram suas pesquisas em regiões distintas de cientificidade. Na obra mencionada, o pensador centra sua análise sobre a constituição histórica das “ciências do homem” na modernidade, compondo assim “uma nova região” (idem). Nesse estudo, o modelo de região de cientificidade averiguado é a própria *vida*. Desse modo, examinamos práticas discursivas em suas relações de poder e verdade com o campo da cientificidade que, em conjunto, buscam assegurar a vida. Práticas que visam ancorar o direito à vida, tornando-a resistente diante de um contexto de aproximação com a morte. Vida essa absorvida pela política, tomada como um elemento político. Nesse cenário, no qual lidamos com a gestão e controle sobre a vida – e sobre a morte –, entra em jogo a noção foucaultiana da biopolítica.

Segundo Foucault (2010b, p. 206), “[...] a biopolítica lida com a população, e a população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder [...]”. Encontramos, assim, outro instrumento de apoio para uma análise que se volta para a invenção da vida sociopolítica contemporânea, num ambiente em que a vida e a morte são tratadas como ferramentas políticas no jogo que rege relações de poder no campo da governança das populações. É diante da pandemia do novo coronavírus, o da COVID-19, ainda acompanhada de incertezas, que lançamos luz para enunciações, publicações e pesquisas em torno de uma vacina com validação eficiente, para campanhas para vacinação da população brasileira e discursos acerca de outras possibilidades para controle e, quiçá, erradicação da doença que assusta o mundo desde dezembro de 2019 – elementos desafiantes para a ciência. Elementos esses que se configuram como exemplo da noção foucaultiana da biopolítica. Além disso, tais práticas discursivas emergem como *corpus* de apreciação para especulação sobre uma neociência num cenário que ainda se encontra em situação de pandemia – o ambiente de pesquisa para análise envolve, portanto, discursos circulantes no Brasil durante esse período. Lidamos com um *corpus* heterogêneo para a investigação. Nessa lógica, nos ocupamos com estudos diversos e territórios como sites de notícias, revistas e livros referenciados e arquivados. Lugares híbridos que incluem artigos elaborados a partir de pesquisas no campo da ciência e da Educação em ciências, bem como pesquisas que problematizam discursos sobre a ciência e anticiência envolvendo mídias sociais. Análises, sob forma de artigos, que tratam de temas considerados pseudocientíficos ou não, e por vezes discutem os seus possíveis efeitos nos campos mencionados. Desses materiais,



após o exame realizado, especulamos sobre uma neociência. Para esse texto, trazemos um recorte dos materiais arquivados.

Por fim, examinar as *práticas discursivas* em regiões de cientificidade envolve, num modo geral, investigar o “conjunto das maneiras de fazer mais ou menos regradas, mais ou menos pensadas, mais ou menos acabadas através das quais se delinea simultaneamente o real”, segundo Foucault (2017, p. 232). Compreende-se, nessas condições, estudar as práticas concebidas como modo de agir e pensar que proporcionam a inteligibilidade do sujeito e do objeto. Nesse caso, investigar práticas discursivas que viabilizam um saber, naquilo que cria condições para tal saber assumir *status* e papel de ciência, de acordo com suas regularidades, articulação de processos, relações, desvios e figuras que possibilitam-no atingir certo grau de cientificidade. Em vista disso, repetimos Candido e Loguercio (2020, p. 245), quando afirmam que a ciência não se faz somente em bancadas de laboratórios, mas, sobretudo “nas relações de saber/poder que possibilitam dizer o verdadeiro em determinadas formações históricas”. Ciência que inventa um mundo e os modos de ocupá-lo. Dando continuidade a essa apresentação, o artigo inicia com uma seção que destaca aspectos relevantes da filosofia e da ciência para a pesquisa. Em seguida, abordamos sobre a ciência tratada como discurso sob estudos de Nietzsche, Foucault e Deleuze. Por fim, especulamos sobre uma neociência que emerge de práticas discursivas que lidam com o *ubuesco*.

### Ideias feitas em região de cientificidade

Reinventando ciência ... ecos de uma aula de filosofia:

- *Ciência é tipo crença, respondeu uma voz na lateral da sala de aula.*
  - *Sim. Ciência e crença podem andar juntas, complementou outra voz.*
  - *Por isso, o universo pode ser criador do próprio universo, professora. Ecoou do fundo da sala uma fala tímida e quase inaudível. [ganhei minha aula, pensei]*
  - *Ciência está sempre evoluindo, disse a primeira voz. Concordo com a “sôra” de Biologia, continuou.*
  - *Só não é evolução falar em terraplanismo em 2022, complementou a outra [rindo].*
- Risos. Da turma.*

A conversação imaginária acima é compilação de algumas das respostas efetivas dos estudantes dadas durante aulas de filosofia, quando se tratou sobre ciência, origem da vida e do mundo, crenças e senso comum *versus* conhecimento científico. Temas esses que exemplificam alguns dos



conteúdos que integram esse campo enquanto componente curricular da Educação Básica. Abrangem também aquilo pelo qual sobrevive e movimenta a própria filosofia, pois está entre seus objetos de estudo e desafios. De acordo com Gallo (2014, p. 45-46), desde a Antiguidade a ciência, sistematizada e metódica do mundo, fazia parte da própria filosofia como busca de uma explicação racional. Com a especialização de alguns ramos do conhecimento científico, durante o século XVII a ciência passa a ter autonomia em relação ao campo de saber filosófico. A partir do século XX, produz-se a noção de conhecimento científico como um saber aberto, sempre aproximativo e corrigível, e não uma “afirmação de verdades absolutas” (idem). Destaca ainda que o período especificado, particularmente final do século XX, é assinalado por intensas discussões filosóficas sobre o conhecimento científico. Como exemplo desse debate cita a obra *Contra o método* (1975), um dos mais discutidos livros de filosofia da ciência, de Paul Feyerabend (1924-1994). Uma das críticas ao método, e que serve ao estudo, discorre sobre a criatividade do cientista que fica limitada, se encerrada num único método, linear e exato. Em defesa de uma metodologia pluralista e da invenção de novas alternativas, defende que a história de uma disciplina deve ser utilizada para aprimoração de seu estágio mais recente, não como algo externo ao progresso, mas como parte essencial dele. Nessa movimentação “a separação entre a história de uma ciência, sua filosofia e a ciência mesma desaparece no ar”, insinua Feyerabend (1977, p. 68). Com isso, as três disciplinas se fortalecem e seus resultados não são estéreis. Desse modo, a variação de métodos pode ser estimulante para um conhecimento objetivo, variações que não considerem a moderação da imaginação e que incentivem a liberdade da criação artística para descoberta e, talvez, alteração do mundo em que se vive. Além disso, para Feyerabend, o único princípio que não dificulta o progresso científico é o princípio do *tudo vale*, ou seja, não há limites no exercício do pensamento. Tudo vale pela riqueza das ideias, até fazer ciência pelo seu avesso, quiçá. Pensar a ciência por outras perspectivas – religião, filosofia, mitos, por exemplo – provoca tensão nas discussões científicas e coloca em questão a até então única forma considerada válida de construção do conhecimento dito legítimo:

[...] As considerações de Feyerabend se apresentam como inquietações diante do pensar uma ciência mimética, especulativa que, com um único método impôs a verdade verdadeira das coisas, do mundo. [...] as problematizações de Feyerabend evidenciam uma ruptura na história, ou talvez possa dizer, algo que sai da ordem do consenso. (Henning, 2008, p. 82).





Einstein astrólogo e Galileu mafioso? Na obra *A invenção das ciências modernas* (1993), Stengers (2002) comenta sobre a obra de Feyerabend mencionada acima. Ao comparar a atividade científica à astrologia, à máfia e ao vudu, o filósofo *pagou* o preço de ser reconhecido como “relativista” ao fazer essa alegoria “escandalosa” sobre a objetividade da prática científica e a crítica à elaboração de critérios que possam valer de maneira geral, que distinga ciência daquilo que possa se parecer com ela. Descreve a autora que o alvo não era de comparar ou assemelhar Einstein a um astrólogo ou Galileu a um mafioso. A identificação da objetividade como produto de uma conduta objetiva pode ter como efeito um instrumento de poder temível, já que faz dela o destino comum de nossos conhecimentos e cria um ideal que estes devem ter por alvo.

Nesse fluxo, no que tange à relação entre filosofia e ciência, recordamos o texto *O novo espírito científico* (1934), uma crítica ao racionalismo e realismo tradicionais, no qual Bachelard (1978, p. 92) afirma que “a ciência cria com efeito uma filosofia”, delineando uma *filosofia científica* que estimula a especulação filosófica na ciência, por via da imaginação científica. Para tanto, na atividade científica, reitera a expressão “se experimenta, é preciso raciocinar, se raciocina é preciso experimentar” (idem). Ainda, a filosofia científica de Bachelard abandona a ideia de um progresso contínuo dos conhecimentos, pois esse acontece por meio de reorganizações súbitas que representam descontinuidades na história das ciências: numa rejeição ao ultrapassado, a ciência se abre à própria revisão. Nesse sentido, a unidade da ciência não corresponde mais a um estado estável, porém não está “mergulhada numa instabilidade incerta, pois a história da ciência mostra que a parte sancionada e ativa cresce”, conforme frisa Bontems (2017, p. 43). Outros modos de pensar filosofia e ciência combinadas num mesmo ambiente.

Em sua obra *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro* (1995), o físico, divulgador científico e professor de astronomia e ciências espaciais (dentre outras funções) Carl Sagan descreve a ciência também como modo de pensar, indo além de um conjunto de conhecimentos. Para ele, a ciência se difere de outros empreendimentos humanos por conta da paixão pela formulação de hipóteses testáveis, pela busca de experimentos definitivos que comprovem tais hipóteses, que as confirmem ou neguem, e pela disposição de abandonar ideias consideradas deficientes. O entendimento desse limite é que fortalece o trabalho do cientista. Além disso, defende que há coisas que não são compreendidas e muitos mistérios ainda estão por serem resolvidos. Longe de ser um instrumento perfeito, a ciência possui mecanismos próprios de



correção dos erros, e muitas de suas descobertas podem não ser imediatamente compreensíveis ou satisfatórias. Muitas vezes, a ciência desafia opiniões e provoca tanto sentimentos de reverência e admiração como de críticas, por contradizer crenças profundamente arraigadas (Sagan, 2006). Raciocínio lógico e conhecer como a ciência funciona mesmo superficialmente são dicas de Sagan para que não escorreguemos para a pseudociência quando nos afastamos assustados demais da ciência, pois nesse momento *a chama da vela escorre e os demônios começam a se agitar...*

Ciência *isso*. Ciência *aquilo*. Ciência “*tá*” em tudo, “*tá*” no dia a dia. Nas tecnologias, quase sempre sem esforços a vivenciamos. Então, como definir ciência, *é isso possível?* Ou, como descrevê-la “em si”? Ainda, como responder à questão “*Isto é científico?*”. Em outros termos, “*Como um conhecimento pode ser caracterizado de científico?*”. Ciência produz efeitos no mundo e isso pode se dar de acordo com nossa interpretação, pela conceituação ou pela identificação de suas aplicações. Ou não. Ciência pode ser oculta, não oculta, visível ou não, importa que “[...] a ciência precisa das fulgurações que constroem seu saber e, em cada lugar que habita, ou é idolatrada ou é interdita”, descrevem Soares e Loguercio (2017, p. 24). Estamos num mundo no qual viver *fora* do conhecimento científico, dos seus produtos e efeitos, talvez só seja possível pela via de um exercício de imaginação. Exercício que não persiste por muito tempo, haja vista nossa dependência cada vez mais acentuada pelos modos de vida que ela nos proporciona.

Entretanto, a partir dos modos pelos quais estamos acostumados a viver, ser ou estar no mundo ordinário talvez convenham outras perguntas: O que podemos fazer com isso? Ou, o que fabrica um *discurso científico*? Por que adotamos *um* discurso dito científico e não *outro*? Quais forças, racionalidades entram em jogo? Dentre os tantos modos de conceituar ciência, pela perspectiva foucaultiana a analisamos pela via das práticas discursivas que moldam nossos modos de ser. Dessa maneira, interessa avaliar os potenciais efeitos de tais práticas, investigar possíveis impactos de seus ditos. Com isso, não invalidamos ou deixamos de reconhecer sua importância. Muito menos nos colocamos como negacionistas da atividade científica, pois a entendemos como mais um conhecimento inventado dentre tantos. Conhecimento visto como construção humana, com um objeto construído e como uma das diferentes formas de apreender o mundo.

**Práticas Discursivas na/da Ciência e verdade, mentira, vida, morte, riso, ironia ...**



Ciência e sua historicidade é uma das temáticas do livro *Foucault, a ciência e o saber* (2007), de Roberto Machado. Nela o autor faz um percurso em obras foucaultianas com intuito de descrever o procedimento metodológico que o pensador descreveu como *arqueologia*. Para tanto, parte contando sobre Georges Canguilhem, orientador da tese de doutorado de Foucault e discípulo de Gaston Bachelard, expondo uma análise da abordagem arqueológica vista como um processo: formação, transformações no tempo, trajetórias e deslocamentos quanto à epistemologia e suas modificações internas até chegar à arqueologia do saber. Machado relata que Canguilhem é o epistemólogo com quem Foucault teria mais proximidade, tendo aprendido com ele que a história das ciências deve ser conceitual. A partir disso, a proposição arqueológica de Foucault pode ser melhor compreendida. Ainda, tal proximidade pode ser notada pela inspiração da região de cientificidade analisada por Canguilhem e por seu orientado, “ciências da vida” para o primeiro e “ciências do homem”, ao segundo (Machado, 2007, p. 11). Em outro ponto, descreve ciência como sendo “essencialmente discurso”, ou seja, a caracteriza como “um conjunto de proposições articuladas sistematicamente” (idem, p. 18). Contudo, a defende como um tipo específico de discurso, aquele que tem pretensão de verdade. Ciência como produção de verdades. Como lugar específico da verdade, pois é no seu interior que tem sentido instigar a questão da verdade – de acordo com a filosofia de Canguilhem, descreve. Com isso, recorda Bachelard em torno da questão da verdade na ciência, para quem relacionar intimamente ciência e verdade não significa dizer que todo o discurso científico seja obrigatoriamente verdadeiro, pois proposições falsas e verdadeiras constituem a ciência. Nesse esboço, realça que “a ciência não *reproduz* uma verdade; cada ciência *produz* sua verdade” (idem, p. 19, grifos do autor). Reforça também que para julgar a verdade de uma ciência, ainda não há critérios universais ou que estejam fora dela. Mais adiante, ressalta que “não cabe à filosofia enunciar a verdade da ciência”, e sim caracterizar uma “operação científica por meio da investigação da produção de conhecimentos de uma determinada ciência” e sobre isso, “refletir filosoficamente sobre as ciências”, focando na formação de seus conceitos (idem, p. 41).

Disso, conseguimos reconhecer que o conhecimento científico também pode ser falho, o que leva a busca constante pelo seu aprimoramento. Busca sustentada por questionamentos acerca da verdade científica em determinado momento e espaço. Ou seja, persiste uma impermanência no modo como a ciência se desenvolve. A propósito, pensando com Nietzsche, nessa transitoriedade,



num impulso à verdade, acolhemos e fazemos funcionar como verdadeiros seus discursos, dentre os quais situam-se jogos de conceitos manifestados na/pela linguagem. Nesse processo, queremos as consequências agradáveis da verdade, ela *nos é* necessária, pois nos valem das *verdades* que conservam nossa vida. *Verdades* como invenção, criação e ficção como tudo que existe. Somos efeitos de tais discursos, vivemos somente através de ilusões, diz Nietzsche (2008).

Seguindo pela perspectiva nietzschiana, ao longo da obra *A Gaia Ciência* (1882) o autor examina, numa crítica à filosofia dogmática e ao seu modo de proceder, a ambição humana de obter conhecimento, movida por uma incondicional vontade de verdade, isto é, vontade de não se deixar enganar e de não enganar, em atingir profundamente a *verdadeira ciência* na verdade a qualquer custo. De acordo com Machado (1999, p. 74), reproduzindo o filósofo, a vontade de verdade diz respeito à crença que funda a ciência, a saber, “de que nada mais é necessário do que o verdadeiro”. Contudo, esse algo não precisa ser necessariamente verdadeiro, importa que seja tomado como verdadeiro. Que seja um discurso assumido como verdadeiro, ainda que repousado na crença. Além disso, a vontade de verdade é capaz de tornar o ser humano mais desconfiado e mais maldoso. Por quê? “[...] Porque agora tem uma ciência – porque agora tem necessidade de uma ciência” (Nietzsche, 2017, p. 63). A crença na verdade a qualquer custo, na superioridade da verdade em relação à ilusão, envolve a busca pelo conforto, pela comodidade diante de um mundo caracterizado pelo devir, pela mudança, segundo Galvão (2012). Uma resposta ao medo do desconhecido. Quem afirma *ter* a tal resposta, se vale desse poder como instrumento de manipulação sobre os demais e tenta impor uma visão totalizante e universal sobre o mundo. Nesse curso, a crítica nietzschiana trata da vontade de verdade como que escondendo uma vontade de morte, uma vez que “[...] o verídico, no sentido mais ousado e mais extremo, como pressupõe a fé na ciência, *afirma assim outro mundo* do que aquele da vida, da natureza, da história [...]” (Nietzsche, 2017, p. 214, grifos do autor). Uma crença metafísica desde Platão, na qual Deus é a verdade e a verdade é divina... *a besta que existe em nós, quer ser enganada* (Nietzsche, 2000, §40).

Propõe, assim, um novo saber, por meio de um fazer científico e filosófico que não se limita entre o verdadeiro e o falso, entre a causa e o efeito. Um método que ecoa na *gaia ciência*, a qual se vale da criação alegre do riso e nos afasta da desmedida paixão pelo conhecimento absoluto, tanto filosófico quanto científico, uma vez que esse é inalcançável, segundo Nietzsche. Uma ciência



alicerçada num processo criativo, que seja mais próxima da arte, que produza sentidos em vez de verdades e que potencializa a vida em todos os aspectos, incluindo os erros, a dor e o sofrimento. Pois “*admitir o erro como condição da vida* é rebelar-se contra os atuais conceitos de valor, e uma filosofia que a tal se atreve coloca-se por isso além do bem e do mal” (Nietzsche, 2009, p. 15, grifos do autor). Um conhecimento como atividade criativa que pode alegrar e que se alegra ao fazer experimentação com as ideias, criações provisórias. Criar, pela imaginação, em vez de descobrir. Outra forma de fazer filosofia, outra forma de pensar a ciência, nas quais o riso e a sabedoria andam juntos. Arte deixando a filosofia e a ciência mais alegres. Com espaço e futuro para o riso, sigamos compondo, rindo de nós mesmos e do mundo, aqui e acolá. Ora, nos alegremos com nossa estupidez. Sem preconceitos! Nessa direção, e no âmbito desse estudo, a *gaia ciência* pode ser considerada uma inspiração para a ‘Patafísica.

De acordo com Bök (1997), tanto Nietzsche como Jarry estabelecem bases para uma antifilosofia, cujo espírito de reforma busca caracterizar uma nova metafísica. Ao valorizar as exceções, os erros e os absurdos como soluções que conspiram para a resistência, ambos subvertem a perversidade das restrições científicas, satirizando a autoridade pedagógica e a [im]parcialidade dos discursos da ciência. Assim, a ‘Patafísica se apresenta como uma ciência especulativa e compartilha com a *gaia ciência* o humor também como via de conhecimento, rompendo com a lógica e com a tradição. Humor como instrumento de conhecimento, não um humor qualquer, mas poético crítico e muitas vezes irônico. Criadas, a ‘Patafísica e a *gaia ciência*, a partir do humor e da ironia, se valem de jogos de palavras, numa linguagem que invoca soluções, como uma crítica a linguagens totalizantes, verdades únicas e leis universais. Nesse sentido, Jarry previu o desaparecimento da cientificidade quando a razão forçada para o extremo da lógica e a realidade podem ser confundidas com possibilidades de veracidade.

Olhar a filosofia pela perspectiva do artista, defende Nietzsche, e com isso considerar o ceticismo no que envolve o conhecimento, combina com as questões apresentadas por Jarry ao inventar a ‘Patafísica. Complementa Bök (1997, p. 58), “para Jarry e Nietzsche, o próprio conhecimento é tão enganoso que nem mesmo pode ser corrigido por esse conhecimento sobre o conhecimento”. Para Nietzsche, a realidade é apenas um efeito das ilusões e a ciência não dá conta de explicar uma realidade comum, permanece no campo da interpretação das ilusões. Para Jarry, a realidade é



apenas um aspecto da Et(h)ernidade [3], uma alucinação verdadeira atribuída à propriedade dos objetos.

Foucault (2002) reforça a proposta nietzschiana de que o conhecimento é algo inventado, que não é da mesma natureza que os instintos, nem o refinamento deles, ou seja, é efeito dos instintos e não tem uma origem. É resultado de um jogo, do afrontamento, da luta e do compromisso dos nossos instintos. “É porque os instintos se encontram, se batem e chegam, finalmente, ao término de suas batalhas, a um compromisso, que algo se produz. Esse algo é o conhecimento”, afirma Foucault (2002, p. 16). E o riso? No aforisma da *gaia ciência* (§333) sob o título *O que é conhecer*, Nietzsche retoma um texto de Spinoza no qual o pensador holandês defende a ideia de que se quisermos conhecer as coisas, efetivamente compreendê-las em sua essência e verdade, é necessário que nos abstenhamos de rir delas, ainda, que nos privemos de deplorá-las ou de detestá-las. Para Nietzsche, segundo Foucault (2002, p. 20-27), é justamente o oposto disso que nos leva a compreender as coisas. Rir, deplorar e detestar entram em luta e o jogo desses três instintos ou paixões, tidos como da ordem das más relações como ódio, desprezo ou temor, fabricam conhecimento e fazem parte da vontade de conhecer. Porque lutaram, se confrontaram, produziram a *centelha do conhecimento*. Há nisso sempre alguma coisa de duelo, relações de luta e de poder entre o indivíduo e o objeto a ser conhecido. Não há uma adequação ou afeição ao objeto, nem uma unidade, pois “[...] não há no conhecimento algo como felicidade e amor, mas ódio e hostilidade; não há unificação, mas sistema precário de poder”, reforça Foucault (2002, p. 22). Nesse caso, o riso, oriundo do humor ubuesco, produz algum tipo de conhecimento? Se “sim”, que relações de força estão no campo de batalha?

Seguindo na proposta de examinar práticas discursivas na/da ciência nessa perspectiva, descrevemos, em linhas gerais, a *significação* deleuziana – sem muito aprofundar pois “*significar* limita a imaginação”, segundo Barros (2010, p. 465) –, apresentada na obra *O que é Filosofia* (Deleuze, Guattari, 2010). Conforme esses autores, o verdadeiro objeto da ciência diz respeito a criar funções e proposições científicas. Ainda, ressaltam que por vezes a ciência imagina que cria conceitos, a partir de um campo de referência, reforçado pelas bordas limites aplicados ao caos, uma espécie de parada na imagem. Uma desaceleração, por exemplo, a velocidade da luz, o Big Bang...



Para Deleuze, tanto a ciência e a arte têm *ideias criadoras*, com sua própria história e seu próprio devir, mas não são conceitos. Conceito, criá-lo, é papel da filosofia. Por isso, é uma tentativa inútil atribuir conceitos à ciência, “mesmo quando ela se ocupa dos mesmos ‘objetos’, não é sob aspecto do conceito, não é criando conceitos” (Deleuze e Guattari, 2010, p. 45). Filosofia e ciência operam distintamente, sendo que a segunda se ocupa do estado de coisas e suas condições, lida com experimentos e cria variáveis científicas. A primeira, com experimentações, inventando modos de existência e possibilidades de vida, recordando Nietzsche. Nesse sentido, afirma Deleuze, quando a filosofia se compara à ciência, propondo uma imagem simples dela, os cientistas riem. Além disso, reitera que ainda que a ciência seja discursiva, isso não significa que venha a ser dedutiva, “ao contrário, em suas bifurcações, ela passa por muitas catástrofes, rupturas e re-encadeamentos marcados por nomes próprios como Heisenberg, Einstein, Maxwell” (idem, p. 166). Em seu *Abecedário* (1988-1989), Deleuze comenta no R de *Resistência* a distinção que faz entre reconhecer a filosofia como fabricação de conceitos e a ciência como algo que cria funções. Reforça ainda que criação é resistência. Nessa direção, os cientistas *são* uma grande resistência. E ao que resistem? Eles “resistem antes de tudo ao treinamento e à opinião corrente, ou seja, a todo tipo de interrogação imbecil” (idem). Em relação à filosofia como resistência, Deleuze ressalta, recordando Nietzsche novamente, que se não houvesse a filosofia, não questionaríamos o nível da besteira. A filosofia impede que a besteira seja tão grande. Criar via imaginação é resistir efetivamente. Imaginar, inventar, transcender, desorbitar. Imaginação que transvê o mundo, conforme poetizou Barros (2010, p. 350).

Ciência, discurso, verdade, conhecimento, ceticismo e invenção. Ciência, funções e proposições científicas. Ilusão, alucinação e realidade. O riso como modo de resistência no meio disso tudo. Os trechos apresentados acima e as provocações neles contidas mostram algumas das aproximações e dos distanciamentos que podem ocorrer entre a filosofia e a ciência, tendo os questionamentos como impulsionadores de ideias. De qualquer modo, são temas que movimentam as duas áreas do saber, ora acontecem encontros e deles saem centelhas irônicas ou não, ora tais circunstâncias equivalem a ruídos provocadores de devires inesperados. Casos ensaiados nessa escrita.

Entra em cena o discurso – traços característicos e notas imaginadas em forma de uma certa presunção de racionalidade científica ou da não cientificidade. Recortamos nesse espaço descrições sobre o discurso, com intuito de reforçar características sobre as *práticas discursivas* no





trabalho de Foucault (2020, p. 47), e com isso suspender e evitar significações outras que o limitem como “teoria” ou o desviem como “ideologia” para uma permanência arbitrária carregada de condições no jogo das palavras cambiantes. Foucault parece também não gostar de palavra acostuada, repetindo Barros (2010, p. 348). Em linhas gerais, para examinar práticas discursivas, é preciso percorrer as regras de formação que contam um pouco sobre as condições de sua existência que envolvem também a coexistência, a manutenção, a modificação e o desaparecimento de conjuntos discursivos, com o propósito de obter as condições de emergência de um saber em dada época. Abrange a realização de um recorte em sentido horizontal nos mecanismos que articulam e movimentam tais práticas. E nessa ação, considerar até a possibilidade de desaparecimento delas. Esse é o papel da arqueologia sobre seu corpo, o arquivo. Na aula inaugural no *Collège de France*, proferida em 02 de dezembro de 1970, Foucault (2014b, p. 8) questiona “Mas, o que há, enfim de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde está, afinal, o perigo?”. É o que busca responder ao longo da obra *A ordem do discurso* (1970). Uma das respostas vem em seguida, “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo porque se luta, o poder do qual queremos nos apoderar” (idem, p. 10). Nesse sentido, a produção do discurso, numa sociedade como a nossa, passa por procedimentos de controle e delimitação, ou de exclusão e interdição. Trata-se de um jogo entre o desejo e o poder, entre *ditos* que permanecem ditos e que ainda estão por dizer, comentários como os religiosos, jurídicos e, em certa medida, textos científicos com indicação de verdade e pretensão científica. Quais seus efeitos? Esses elementos são algumas das caracterizações da ordem do discurso. Dentre outras, Foucault destaca que os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que podem se cruzar vez em quando, também podem se excluírem e se ignorarem. Investigar ou examinar discursos abarca também realizar a descrição dos fatos do discurso, sem interpretação de tais fatos, seguindo o viés da análise de suas existências, suas relações, suas sucessões e regularidades, bem como seu funcionamento mútuo. Não se busca “a conversa semissilenciosa de um outro discurso”, defende Foucault (2020, p. 34). Para tanto, numa primeira aproximação se faz necessário, provisoriamente, recortar uma região inicial que pode ser escolhida de acordo com o domínio em que as relações se mostrem numerosas, densas e relativamente de fácil descrição. E em que outra *região* os acontecimentos discursivos parecem estar mais ligados uns aos outros?





Segundo as relações mais decifráveis, estão nesta que se designa em geral pelo termo *ciência*, responde Foucault (idem, p. 36). No texto *Sobre as Maneiras de Escrever a História* (1967), o autor explica que não é a linguagem seu objeto de estudo enquanto historiador, mas a existência acumulada dos discursos, ou seja, o *arquivo*.

Além disso, a existência da ciência como prática discursiva, segundo Foucault (2020, p. 222-231), envolve o estudo de seu funcionamento diante de outras práticas. Analisando as contradições, as variações e sistema de formação de seus objetos e conceitos. Assim, entender ciência como prática discursiva tem a ver com interrogar o jogo de relações com pretensões científicas, que respondam critérios formais de cientificidade, e que se constituem como um discurso científico. Nesse sentido, afirma “[...] a ciência (ou o que passa por tal) localiza-se em um campo do saber e nele tem um papel, que varia conforme as diferentes formações discursivas e que se modifica de acordo com suas mutações” (Foucault, 2020, p. 222). Também, na realização de um modelo que busque a história de uma ciência, cabe uma análise sobre, por exemplo, como um conceito – carregado de metáforas ou de conteúdos imaginários – assume papel e função de conceito científico. O que se busca é sinalizar as práticas discursivas que deram lugar a um saber, mostrando como a instauração de uma ciência pode ter encontrado lugar nas formações discursivas.

Interrogar a ciência, sua história, modelos científicos e todo o conjunto que caracteriza sua prática discursiva como a regularidade e a consistência que eventualmente se constituem num discurso científico possibilitam a emergência de um saber. Assim, a arqueologia percorre o eixo: prática discursiva-saber-ciência e os *territórios arqueológicos* podem atravessar textos literários, filosóficos como científicos. O saber, dessa maneira, pode estar em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais e em decisões políticas. Nessas condições, Foucault (2020, p. 221) distingue territórios arqueológicos de *domínios científicos*, haja vista que só pertencem a um *domínio de cientificidade* as proposições que, submetidas às leis de construções, traduzam conceitos e hipóteses científicas. Isso porque “há saberes que são independentes das ciências [...], mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma”, ressalta (idem, p. 220). Recordamos que as práticas discursivas estão entrelaçadas com a análise do não discursivo, descritas como as práticas em geral. Práticas essas que produzem e que são produzidas. De acordo com Pinheiro (2014, p. 41), quando menciona discurso, Foucault está se referindo às práticas do sujeito, práticas que “estabelecem hierarquias,



distinções, que configuram as possibilidades de outros discursos serem considerados verdades, articulando o dizível e o visível”. Antes de passarmos para o exame propriamente dito do *corpus* e, por conseguinte, para a investigação das práticas discursivas na região de cientificidade escolhida para esse estudo, discorreremos primeiramente sobre aspectos aleatórios em torno da *vida* – aleatórios porque se formos significá-la demais, a limitaremos – e porque lidamos com um conceito amplo, cheio de significações. Em seguida, nos ocupamos da biopolítica.

“Vida: *não há como passá-la a limpo*. (cf. *Rascunho*)”. É pela via do comum que trazemos essa primeira descrição do conceito, apresentada por Corazza e Aquino (2011, p. 154). Humor sério, expressão clichê, mas dotada de sentidos. Da vida ainda pode ser dito que ela é movimento e mudança, transformada no presente, rebelde no cotidiano. Vida obedecida, que cumpre regras. Também pode ser *vida cheia*, aquela professoral que possui muita matéria para pesquisa, segundo Santos (2015, p. 19). Vida educacional perspectivada. Ou ainda, “a vida tem suas descompensações”, em concordância com Barros (2010, p. 21). Vida inteira, toda. Vida vivida tal e qual impulso criativo. Vida dupla, a do dia e a da noite. Vida vontade de potência. Vida morta. Sentidos, fluxos para vida. Devir. Vida, palavra inserida em um jogo de linguagem. Vida polissêmica, expressão de potência de um conceito. Vida complexa. Vida plural.

Para o estudo, focamos na vida em sua humanidade radical, a que tem a morte como possibilidade concreta. Nessa sequência, Ferraro (2019) problematiza o conceito *vida* a partir do campo da Educação em ciências (ensino de Biologia) e relaciona como a referida noção foi descrita por alguns pensadores, dentre eles, Nietzsche, Deleuze, Foucault, Bachelard, Spinoza, Schopenhauer. Descrições apresentadas como uma grade de inteligibilidade para o referido conceito. A partir disso, esboça a relação do conceito vida com a Biologia e menciona a obra foucaultiana *As Palavras e as Coisas* (1966) para caracterizá-lo como um substantivo potente para a ciência. Nesse caso, a Biologia seria muito mais uma ciência dos vivos do que uma ciência que constrói um discurso sobre a vida, reitera. No entanto, os seres vivos – objeto de estudo da Biologia – expressam condição para a vida e com isso se dá um reforço à importância da vida como seu elemento central, oferecendo assim um discurso biológico como “forma de conhecimento oficial, válido e, portanto, cientificamente chancelado sobre a vida” (Ferraro, 2019, p. 7).

Em torno do conceito *vida* para Foucault, Revel (2011, p. 150-151) elenca três ângulos de abordagem nas obras do autor, a saber: i) ligado à reivindicação de um certo *status* do arquivo,



consistindo na leitura e exame das estratégias de poder entrelaçadas, por exemplo, nos textos que contam sobre “a vida dos homens infames” (1977); ii) no sentido estrito dos poderes sobre a vida, gestão e controle, e a emergência de novos saberes sob o ângulo da biopolítica e dos biopoderes, onde o poder se aplica à vida, a vida inova; iii) “fazer de sua vida uma obra de arte”, qualificada como uma possibilidade de relação com o si e com sua própria existência, de acordo com nossas escolhas sexuais, éticas e políticas. As análises de Foucault sobre a vida, trazendo a biopolítica e os biopoderes (poderes sobre a vida), envolvem a investigação de como as relações de poder atuam num espaço de resistência, no nível do indivíduo e da população. Revel (*idem*) explica como essa resistência pode se mostrar, no lugar em que a vida é conferida a “procedimento de gestão e controle, de exploração e de captação, ela pode, ao contrário, afirmar aquilo que nenhum poder jamais possuirá: sua própria capacidade de criação”. Onde o poder assujeita a vida, ela resiste.

Na *Aula de 17 de março de 1976*, Foucault descreve uma nova tecnologia de poder não disciplinar: a biopolítica. Ela lida com a população – esse novo corpo múltiplo com inúmeras cabeças – na esfera política, nesse sentido, a temática da vida começa a ser problematizada no campo do pensamento político. Essa nova tecnologia do poder centrada na vida procura controlar (e eventualmente modificar) uma série de eventos, bem como a probabilidade desses efeitos. A análise da dita estatização do poder sobre o homem enquanto ser vivo tem como pano de fundo a teoria clássica da soberania na qual o direito de vida e de morte está centrado do soberano. O efeito do poder soberano sobre a vida, segundo Foucault (2010b, p. 202), só é exercido quando ele – o soberano – pode matar. É um estranho direito do soberano, que consiste em “fazer morrer e deixar viver”. Muitas vezes, o poder do soberano vem dos súditos, por conta da necessidade ou da possível presença de um perigo. Para poder viver constituem um soberano, por isso a estranheza mencionada. A emergência da biopolítica, como governo dos vivos, sugere uma transformação nesse tal direito. Contudo, a referida transformação de um poder a outro não implica na eliminação dos poderes soberano e disciplinar. Podemos pensar numa espécie de acomodação dos poderes. Desse modo, temos uma tecnologia do poder que perpassa, se integra e modifica em outra escala as técnicas até então presentes. Não mais voltada para reger corpos individuais, mas para uma massa global cuja vida é afetada por processos conjuntos, como o nascimento, doenças e morte. A partir da biopolítica são considerados os fenômenos coletivos que atingem uma população, as preocupações se voltam para os seres humanos enquanto espécie, enquanto seres



vivos, bem como seu meio de existência – geográfico, climático ou hidrográfico, por exemplo. Os mecanismos postos em funcionamento com a biopolítica têm a ver com as previsões, de estimativas estatísticas e de medições globais. No caso de uma doença que atinja globalmente o fenômeno população, não estamos mais com um caso de morte abrupta que interrompe a vida. Trata-se de um caso de epidemia ou de pandemia, levando em conta como a morte, que se introduz sorrateiramente na vida, a corrói perpetuamente, a diminui e a enfraquece, descreve Foucault (2010b, p. 205). Com a biopolítica, por ser voltada para o fenômeno global, será preciso estabelecer mecanismos reguladores com o intuito de modificar a situação, baixar a morbidade e encompridar a vida. Tudo em vista da obtenção global de equilíbrio, de regularidade, de levar em conta a vida garantindo a segurança da população.

Considerando o momento atual, ainda não declarado livre da pandemia da COVID-19, alguns estudos propõem afinidades com a situação que atingiu a população global com as técnicas efetivas da biopolítica. Um desses estudos, intitulado *A Pandemia e o “novo normal”: Impactos no cuidado de si dos professores* (Medeiros, 2021), foi escrito no contexto de isolamento social. Nele, a autora examina quais os possíveis efeitos da pandemia, problematizando mudanças sociais, culturais e econômicas, para quem exerce o magistério. Num cenário de inquietações e incertezas, ainda em meio de uma situação pandêmica o vírus que desencadeou – no ano de 2020 e seguintes – mudanças na conduta docente provocou também a proliferação de práticas discursivas em torno da vida e da morte envolvendo ciência e anti-ciência com efeitos na vida de todos nós, muitas vezes pela via da desinformação. São algumas dessas práticas que nos permitem imaginar uma suposta ciência.

### **Especulações de uma neociência ubuesca**

Máscaras para a própria proteção e de quem estiver próximo. Álcool em gel – álcool gel. “Soquinho” [bater os punhos] ao invés de abraços e apertos de mãos. Ou ainda, toque dos cotovelos. Cumprimentos reinventados. Quarentena declarada. Distanciamento, melhor, isolamento social. Confinamento, medida drástica necessária para preservação da vida, de vidas. Taxa de letalidade alta, cerca de 34 vezes maior que uma gripe sazonal. Curva epidêmica. Testes? Sim, mas com resultados somente um mês após o enterro. “Mortes por COVID-19 no Brasil podem ser ainda maiores em função dos atrasos nas estatísticas da Saúde”, diz pesquisador. Pico da



Pandemia. Aumento do número de internações. Esgotamento de leitos nas UTIs. COVID-19 não escolhe vítimas. Gráficos para entender a situação no Brasil da pandemia. Matemática da/na pandemia: os números nos ajudam a entender. Número de mortos. Prorrogação da Quarentena. Impactos na saúde individual e pública. Taxa de contaminação. O “novo normal”. Cem dias após o primeiro caso. Frear a COVID-19? Apagão de dados da pandemia. Impactos sociais e econômicos. Papel da ciência em sociedades democráticas. Um milhão de casos de COVID-19, superamos. COVID-19, a solução passa pelo SUS. Vacina russa, mas não para todos. Segunda onda. Retomada das medidas preventivas: Máscaras profissionais X máscaras de pano. Corrida maluca das vacinas. Vacinas e desigualdades. Butantan e Fiocruz na luta real do país. Cientistas brasileiros travam guerra contra a desinformação bolsonarista por vacinação [sequestro do pensamento científico?]. Mobilização pelas redes sociais. *Fake News* sobre a vacina. *Lockdown*. Surtos de variantes. Brasil supera as 400 mil mortes. Escolas abertas no auge da pandemia, risco em alta: a matemática da/na COVID-19, de novo. Bolsonaro diz que a infecção por COVID-19 é “mais eficaz” que a vacinação [imunidade de rebanho – articulação de ciência com política?]. Pandemia: Quinhentos dias de Brasil. Retorno às aulas com a adoção de medidas eficazes no ambiente escolar. Passaporte sanitário, outra polêmica. *Ômicron*. Vacinação para todas as faixas etárias. [Mais de] três anos de pandemia. Autoteste. Vacinas em disputa. Não acabou...

Os termos e expressões acima, além de integrarem as manchetes disponibilizadas no Observatório COVID-BR, circularam e volta e meia ainda circulam em nosso dia a dia. Uns dias mais do que em outros. Memórias recentes que queremos esquecer, mas não podemos. No momento presente, voltamos nossos braços para os abraços. Esperamos os abraços, acolhimento e afetos. Voltamos com nossos corpos para as escolas. Alguns ainda se valem da máscara. Outros não largam o álcool gel – como sobrevivemos até aqui sem ele? – Sentimos as mortes de pessoas conhecidas e desconhecidas. Nos vacinamos pela esperança de sarar, queremos a *embriaguez* da cura, recordando Nietzsche. Tudo isso e mais um pouco em meio a um momento científico em discussão. Por vezes, ciência como solução dos nossos problemas. Transbordamento de gratidão de um povo convalescente. Outras vezes, em suas privações e fraquezas, uma negação beirando ao delírio. Ciência que padece com a frieza e antipatias. Ciência corrompida? Pervertida? Anticiência, compreendida como aquela que nega qualquer validade do pensamento científico. Ou seja, no cenário da crise pandêmica mundial, ruídos intentam a desqualificação da ciência e, por



consequente, a depreciação da pesquisa científica. Atentemos para alguns desses ruídos, uns beirando *lalomanias*: muitas palavras para poucas ideias.

*Cura milagrosa.* Na entrevista *A história do cientista que precisou de escolta por provar que a cloroquina não funciona*, publicada na Revista Radis – FIOCRUZ (2021), concedida a Stevanim, o pesquisador Marcus Vinicius de Lacerda conta como seu trabalho de pesquisa provando que a cloroquina – ou hidroxiclороquina, remédio usado há décadas no tratamento de malária – é ineficaz contra a COVID-19 e seu uso apresenta riscos aos pacientes infectados pelo vírus. Essas indicações tiveram como efeito ameaças constantes de morte tanto a Lacerda como ao grupo de pesquisadores que atuavam com ele. A reportagem descreve ainda que o uso da cloroquina ganhou repercussão no mundo todo, não exatamente por conta da sua não eficácia comprovada contra a COVID-19, mas por ter sido recomendada pelos ex-presidentes Donald Trump (EUA) e Jair Bolsonaro (Brasil). Tendo como mote a publicação de um pequeno estudo francês, não revisado por pares, que indicou que vinte pacientes foram curados do coronavírus pelo uso do medicamento. A partir disso, o remédio foi considerado uma espécie de “cura milagrosa” ao que foi tratado inicialmente como uma “gripezinha” e abriu caminho para medidas contrárias à ciência. O enfrentamento ao negacionismo e a tal “cura milagrosa” relatados por Lacerda são exemplos de fatos que perpassaram as campanhas de vacinação – antes mesmo delas acontecerem – no país. Outrossim, essas discussões evidenciam um modo de resistência da ciência, conforme já mencionado, pela qual cientistas resistem não somente ao próprio treinamento, mas também a todo tipo de interrogação imbecil (Deleuze, 1988-1989). É preciso questionar o nível da besteira, recordando Nietzsche (Figuras 1+2), para que evitemos novas variantes dela.



Figuras 1+2: “Não. Não quero! Vocês pretendem arruinar-me com estas extravagâncias!” (Ubu-Rei, Ato 2, cena VI)

Fonte: [Jornal O Dia](#)

Fonte: [SPM](#)



*Desinformação.* Difusão de conteúdo falso para indução ao erro, fabricado para comprometer a reputação de pessoas e/ou instituições. “O fenômeno da desinformação pressupõe um ambiente de desconfiança e confusão e, por isso, os produtores desses conteúdos estimulam a descrença na imprensa, nos políticos e nas plataformas digitais”, relatam Gehrke e Benetti (2021, p. 15). No artigo *A desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid-19: temas, plataformas e atores*, publicado na Revista *Fronteiras: estudos midiáticos – UNISINOS* (2021), as autoras apresentam o resultado de um mapeamento que buscou identificar e descrever os tópicos de maior circulação em meio ao conteúdo falso relacionado à pandemia – um cenário propício para a desinformação e disseminação de boatos. Para tanto, examinaram plataformas digitais nas quais esse tipo de conteúdo foi compartilhado [Facebook, Twitter, Youtube, Instagram, WhatsApp e outros], e se ocupam das informações disponibilizadas pelas agências de checagem de tais sites ou redes sociais. Dos conteúdos investigados, listam postagens relacionadas à Política, Cura, Dados, Contágio, China, Economia e Outros. Mantendo, inclusive, os erros de digitação. Nesse recorte, em torno da *Cura* – segundo tema mais abordado nos conteúdos investigados –, destacam-se duas narrativas: a primeira delas está relacionada com a ciência e trata da eficácia de remédios, em especial a favorita já mencionada, cloroquina. Uma amostra: “Mulher do ator Tom Hanks diz na CBS que só se salvou porque usou cloroquina”. No item *Outros*, nove casos foram analisados. Dentre eles, a orientação de que a Organização Mundial da Saúde (OMS) estaria incentivando a masturbação. Falso contexto, conteúdo fabricado, conteúdo impostor, conteúdo enganoso ou manipulado, falsa conexão, sátira ou paródia são as categorias que emergiram da pesquisa. Situações que moldam usuários nas plataformas digitais, por meio de textos, com ou sem imagens também manipuladas, e que espalham a desinformação, inverdades, fraudes pelo país ao longo dessa pandemia. Conforme as autoras, a mentira não é invenção do nosso tempo e “o desejo da verdade depende da dúvida, da perplexidade e da desconfiança” (Gehrke, Benetti, 2021, p. 26). Nesse sentido, sem o estranhamento e a dúvida, é quase impossível distinguir o verdadeiro do falso.

*Negacionismo.* Processo em movimento. Em contínua reconfiguração. Uma modalidade discursiva. Histórica. Linguagem contaminada e confusão no debate público. Alguns eventos assinalados como impulsionadores do negacionismo que pretendeu sem sucesso ter caráter “revisionista” são listados: i) para se referir a grupos e indivíduos que negavam a existência das câmaras de gás e o





extermínio em massa dos judeus durante o regime nazista; ii) negação da responsabilidade do governo turco pelo massacre dos armênios em 1915. Do “revisão histórico” ao “revisão ideológico” junto à extrema direita dos crimes de genocídio que, numa visão ampliada, se estendem às perseguições de minorias étnicas, nacionais e religiosas. Para além, indígenas durante o período colonial, africanos e africanas vítimas do tráfico e da escravização. Os elementos introdutórios acima descritos integram o artigo *Negacionismo: História, historiografia e perspectivas de pesquisa*, publicado na Revista Brasileira de História – ANPUH (2021). Nele, os historiadores Valim, Avelar e Bervenage tratam do negacionismo na atualidade como algo que se mostra multifacetado. Uma máquina negacionista que visa a destruição de fatos e da noção de *fato*. Ecos sustentados pelos algoritmos das mídias sociais. No que se refere ao negacionismo científico, Pasternak e Orsi (2021) afirmam que esse acontece quando a crítica aos consensos científicos tem bases frágeis ou inexistem. Ocorre, desse modo, uma insistência nela, ainda que seus argumentos tenham sido corrigidos ou refutados. O que há de mais grave nisso, destacam, é a conversão desse negacionismo num espetáculo, pois “[...] o negacionista, incapaz de convencer os especialistas que realmente entendem do assunto, decide censurar os fatos ou, se for incapaz de fazê-lo, acaba levando seu caso para o tribunal da opinião pública” (Pasternak, Orsi, 2021, p. 9). Além disso, o negacionismo tende a gerar um senso de identidade coletiva e de solidariedade mútua, “a convicção de que ‘nós’, os poucos e bons, estamos juntos na trincheira contra a iniquidade de um mundo dominado por ‘eles’, os muitos e maus, é um potente motivador”, destacam (idem, p. 11).

No artigo *Desinformação, antivacina e políticas de morte: o mito (d)e virar jacaré*, publicado na Revista Mídia e Cotidiano – UFF (2021), Bezerra, Magno e Maia examinam a produção e circulação de discursos relativos à pandemia COVID-19, tratando sobre aspectos da desinformação e da articulação de movimentos antivacina. Em torno desses aspectos, consideram *discurso* a partir de Foucault, no que tange à materialidade discursiva, bem como se valem da biopolítica no entrecruzamento com a prática analítica que realizam. A dita análise examinou artigos que tratam dos aspectos acima descritos, problematizando principalmente os discursos do ex-presidente, com assuntos que promoveram a negação da pandemia. Negação caracterizada como divulgação de curas milagrosas, de medicamentos ineficazes que contrariavam as medidas preventivas à infecção, colocando a saúde humana e a própria vida em risco de morte. Nesse texto também, encontramos





a transcrição da fala do ex-presidente pronunciada em um evento em 17 de dezembro de 2020, na qual menciona supostos efeitos para defender a não aplicação de uma vacina para proteção contra a doença. Reproduzimos um trecho da declaração:

“[...] E outra coisa que tem que ficar bem claro aqui Dra. \*\*\* (não compreensível). Lá, na Pfizer, tá bem claro lá no contrato: nós não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um jacaré, é problema de você [sic], pô! Não vou falar outro bicho, porque vou começar aqui a falar besteira aqui [sic], né? Se você virar Super-Homem, se nascer barba igual [em alguma] mulher, ou, ou algum homem começar a falar fino, eles não têm nada a ver com isso. [...]”. (Bolsonaro, 2020, apud Bezerra, Magno, Maia, 2021, p. 16).

Da análise que os autores fazem sobre as provocações acima, destacamos a expressão: “Se a morte não acontece no corpo, ela já começa nas palavras” (idem, p. 18). Em torno disso, relembram a soberania infame, autoridade ridícula, conforme Foucault (2010a). No emprego deliberado da desinformação, pessoas se tornam dados estatísticos (idem), reduzidos à generalidade. Há [ainda] quem aplauda. Há [ainda] quem ache graça. Além disso, dado nosso interesse voltado para práticas discursivas que lidam com o ubuesco, realçamos expressões do pronunciamento acima que remetem ao discurso do Rei Ubu (Jarry, 2021) e que podem ser relacionadas com as descrições grotescas relatadas por Foucault (2010a). Expressões como “se você virar um jacaré”, “nascer barba igual [em alguma] mulher” e “algum homem começar a falar fino”, se mostram como soluções imaginárias que caracterizam um apelo à imaginação ubuesca. Imaginação que lida com descrições bizarras no domínio científico. Enunciações ocorridas num momento em que estava em jogo a saúde da população – no limite entre a vida e a morte, pois o país contabilizava naquela data 184.786 mortos, apresentam Bezerra, Magno e Maia (2022).

Declaração considerada sem base científica, fundamentada na desinformação e permeada por um humor grotesco, por quem, pelo cargo que ocupava, tinha também o poder de verdade. Nessa conjunção de fatores, na qual evidenciamos o poder de verdade, o poder de vida e de morte, somados ao poder de fazer rir – riso que incomoda, pela torção irônica em torno da ciência que apresenta, encontramos as características do poder ubuesco, conforme menciona Foucault (2010a). Reencontramos também aspectos da personalidade do Rei Ubu sob a máscara do ex-presidente brasileiro. Algumas delas, sinalizadas pelas Figuras 1+2 expostas anteriormente. Ainda, a fabricação de dúvidas e exploração delas, alimentação do negacionismo científico, produção de “verdades” desonestas em relação à pandemia, recusando sua gravidade e com isso a banalização da vida, correspondem a intensificação do medo, do terror ubuesco, de acordo com



Foucault (2010a) e conforme age Ubu, enquanto Rei. Seguindo na aplicação das ferramentas conceituais foucaultianas, agora em torno da biopolítica, tanto o negacionismo diante da gravidade da pandemia como o incentivo ao uso de medicamentos – o tal “kit-covid” como alternativa à vacina, composto por medicamentos alvos de crítica por conta da ineficácia para aquilo que induziam seus usos, demonstram a perversidade e o perigo postos em circulação por um “soberano desqualificado” (Foucault, 2010a, p. 13). Também, considerada como uma política, que se vale de cálculos e prognósticos, a biopolítica “regula a população por meio de ações governamentais, no desejo de assegurar a vida coletiva”, segundo Henning (2019, p. 371). Nesse caminho, quando em funcionamento, lança mão de estratégias coletivas em nome da vida, pois para defender a sociedade se faz necessário assegurar a vida. Contudo, a divulgação de tantas desinformações e a manipulação da opinião da população trilham no sentido oposto da biopolítica – uma antibiopolítica – “[...] uma vez que a vacinação é um dos seus dispositivos de segurança, o discurso governamental expõe suas garras soberanas e gerencia a morte”, de acordo com Bezerra, Magno e Maia (2021, p. 18). Deixar morrer. Uma sociedade dividida. Um vazio das ideias. Guerra de *todos contra todos*? O descompromisso com a verdade, efeitos de uma política ridícula. Efeitos de uma bufonaria na política, de acordo com Tiburi (2017).

Conforme Ribeiro e Costa, no artigo *O método da Cartografia e a Educação em Ciências: interlocuções*, publicado na Revista *Ensaio: Pesquisa e Educação em Ciências – UFMG* (2022), num cenário com todas as dificuldades encontradas – algumas delas descritas nesse estudo – o fenômeno do negacionismo, evidenciado dentro da própria ciência, lida com sua desqualificação e com suas importantes contribuições para o contorno da situação da pandemia da COVID-19. Uma possível causa para essa situação pode ser o distanciamento das pesquisas e teorias científicas do grande público. Outra causa, segundo as autoras, passa pela educação conteudista da ciência, que não dialoga com os conhecimentos populares. Entretanto, “[...] O que está em questão não é culpabilizar a ciência, mas implicar as maneiras vigentes de pensar e fazer ciências com o cenário de negacionismos em recrudescimento [...]”, ressaltam Ribeiro e Costa (2022, p. 3-4). Desse modo, as autoras reforçam que o fazer ciência pleiteia que se dê espaço ao improvisado e a partir dele que se crie, produzindo diferenciações, percebendo as implicações políticas abrindo espaços para a invenção no processo de conhecer e pesquisar. Com isso, não fixar modelos a serem copiados, mas questionar verdades sem propor outras que ocupem o lugar e que o saber produzido não se



coloque como verdadeiro ou falso. Que não se limite a perguntar *Qual discurso é mais verdadeiro?* Um desafiante exercício para a imaginação científica. Um pouco mais de maneiras patafísicas, quiçá.

Em torno da Educação em ciências, e os desafios que permeiam esse momento histórico, repetimos Bachelard (1996) acerca da objetividade científica e sua construção no âmbito escolar, bem como a ideia de que o saber científico deve ser reconstruído a cada momento, até para motivar uma contraposição à expansão do negacionismo científico. Num espaço no qual a cultura científica possa ser tomada como um conhecimento aberto e dinâmico. Considerando também que inventamos realidades a partir do discurso científico, num mundo que também é criação científica (Henning, 2019) há respostas racionais possíveis para tais provocações? Que efeitos produzem, além do riso, as palavras patéticas, o humor, a ironia na construção da ciência? Essas questões nos levam a especular sobre as condições de possibilidade para a invenção de uma neociência. Apelamos, assim, à *'Patafísica como ferramenta de análise.*

À *'Patafísica o que é da 'Patafísica.* Em operação com a *ciência das soluções imaginárias* investigamos como a imaginação aplicada às práticas discursivas que adotam o *ubuesco* oferece condições para produção de verdades no campo científico. Ela que põe em órbita as exceções que constituem a ciência também movimenta e desequilibra a ciência pela imaginação. Nesse fluxo, adentra nas frestas dos discursos que lançam mão de soluções ditas do campo científico. Frestas muitas vezes descritas como limitações da ciência. Frestas que tomam formas de polêmicas inimagináveis por conta do humor grotesco que carregam. Espaços deixados de propósito ou não. Nessa direção, lançamos mão da *'Patafísica como artefato* para o exame das regras do jogo que mobilizam práticas discursivas *ubuescas* na região de cientificidade da própria vida. Ela que toma a ciência como objeto para que pense sobre si mesma, que interroga os tais discursos da esfera científica e se embrenha nas brechas, nas fissuras, nas rupturas e descontinuidades da ciência para com isso incentivar soluções imaginárias. É preciso, contudo, lembrar que na *'Patafísica* não há um ponto de vista definitivo, tida como um método de síntese que compatibiliza todas as coisas, ela sugere contradições e examina as leis que regem as exceções. Das frestas de tais práticas emergem enunciações como “é só uma gripezinha [num corpo de atleta]”, “vai virar jacaré”, “máscaras vindas da China contaminadas com comunismo”, “vacinação para implantação de microchips [Bill Gates em ação]” e outras tantas destacadas das práticas discursivas em torno da vida, se mostram



como epifenômenos – tudo aquilo que cerca o fenômeno – em torno do fenômeno da pandemia da COVID-19 e se apresentam como condições para a emergência de uma neociência. Uma neociência impulsionada pelos discursos grotescos e que se valem da imaginação. Por isso, a ‘Patafísica se mostra como ferramenta potente para tal investigação. Ela, a ‘Patafísica, examina tais práticas e o apelo à imaginação destas, imaginação que ganha força pelo seu aspecto grotesco, ubuesco. Alargando assim a aposta conceitual de uma imaginação ubuesca no campo científico. Entretanto, a ‘Patafísica ali não permanece. Ela circula, tal qual a espiral desenhada no gigantesco ventre do Ubu. Ventre que ruma o mundo. *A ciência das soluções imaginárias*, ora se aproxima, ora se afasta. Se diverte, especulando. Especula se divertindo. Inventa modos de pensar. Emerge para se espalhar. Espalhando, desvia. Vai. Volta. Perambula. Vagueia. Se insinua. Seduz. ‘Patafísica que inventa para atender uma necessidade já sentida. Abreviando, uma ciência. Ela interroga, problematiza e se descola desses discursos. Não somente porque não é seu papel negar a ciência, mas sim criar sobre ela. Ela desconstrói para construir. Por conta disso, entendemos que a ‘Patafísica se descola da neociência que buscamos e que está ambientada nas relações da própria ciência. Também porque tanto Ubu, enquanto professor e doutor em ‘Patafísica, como Jarry, seu criador, são defensores da ciência. Como experimentação jarryniana, a ‘Patafísica evoca o modo burlesco como Ubu entende a vida, se deixando levar pelos acontecimentos, rompendo com o pensamento linear.

Acontecimentos fictícios que muitas vezes lembram os eventos reais vividos pelo seu criador (Pollin, 2013). Nesse sentido, Jarry – o criador -, sempre atraído pelas inovações científicas do começo do seu século, se manteve informado sobre a ciência de seu tempo e transpõe esse fascínio nas falas da personagem mais conhecida de sua obra. Pollin (2013) sustenta ainda que a ‘Patafísica pode ser descrita como um conjunto de soluções imaginárias que Jarry evoca para responder aos eventos que, de algum modo, afetaram a continuidade de seus pensamentos. Pois, quando mobiliza sua força positiva – como uma *ciência dos simulacros ao mesmo tempo que é simulacro da ciência* – a “‘Patafísica gera novos efeitos de sentido e revela uma zona conturbada no qual o real e o possível, literatura e vida, ou ação e pensamento, não consegue mais diferenciar” (Pollin, 2013, p. 25). Além disso, a ‘Patafísica possui a capacidade de competir com todas as formas de pensar; no entanto, ao mesmo tempo, evita comparações para que não seja utilizada em fins não patafísicos, conforme Scheerer (1987, p. 94).



Entra em cena assim uma *neociência* da dita modernidade, caracterizada pelos seguintes traços: i) emerge das práticas discursivas em torno da região de cientificidade da própria vida em sua humanidade radical: a morte como possibilidade concreta; ii) lida com a produção de verdades simbólicas e suas manifestações por vezes são assumidas como verdadeiras; iii) pactua com o riso irônico, grotesco. Riso que zomba, ofende, incomoda, mata. Riso participante de um humor grotesco, que maximiza seus efeitos de poder. Pois se trata de um humor que impossibilita uma resposta racional ao que ela produz, provocando assim muitas inquietações; iv) tem em si mesma a imaginação ubuesca, derivada do poder ubuesco – junção dos pensamentos jarryniano e foucaultiano. Imaginação que vagueia, perambula nos limiares da cientificidade, nas frinchas da ciência dita ordinária. Dessa maneira, *inventamos* uma neociência moderna impulsionada pela imaginação ubuesca, que acolhe as características do poder ubuesco: poder de vida e de morte, poder de verdade e o poder de fazer rir. Riso que torna ambíguo o que toca e pode ser perigoso, como tantos risos. Riso bufão, bufônico, bufonado. Burlesco. Ubuesco. Que não pretende ser outra coisa a não ser estúpido. Que faz rir de coisas das quais não se pode rir, nem zombar. Que coloca em risco a estabilidade da vida. Recordamos, quem estuda Foucault não ri de qualquer coisa. Importa assim, saber de que lado se está quando se ri da ciência, no qual “se tudo é risível, o riso perde a força” (Minois, 2003, p. 605). Riso que joga luz na superfície onde se abriga, dissimulada, uma neociência clandestina. Riso satírico de um bufão ridículo – quando e onde todos sabem que se “Ubu é rei [e] isso mal faz sorrir” (idem, p. 622). Riso que adentra e ecoa nas brechas abertas da ciência e que integra as engrenagens de um saber-poder e que esboça uma neociência ubuesca.

A ‘Patafísica, nesse sentido, brilha como uma ferramenta que pode nos alertar sobre as aparências do discurso, funcionando como um instrumento de análise potente no que se refere às soluções imaginárias e experiências que manipulam a vida e a morte, revelando as máscaras obscenas de Ubu, que volta e meia assombram a realidade. No jogo pelo jogo, no espaço alienante de uma concha vazia, Minois (2003, p. 605), citando Antonin Artaud, ressalta que “nada é pior do que a imaginação no poder, se esta enfraquece a razão: ‘Não se trata de proibir a imaginação de fazer o mundo progredir, mas de impedi-la de chegar ao poder para tyrannizar a lógica’”. E a função do riso nisso tudo? “[...] Talvez a tarefa de quem ama os homens seja fazer rir *da* verdade, fazer rir *a* verdade, porque a única verdade é aprendermos a nos libertar da paixão insana pela verdade”,



inventa Eco (2003, p. 470). Então, talvez ainda haja futuro para o riso, para a *gaia ciência*. Pois o humor ainda é a reação mais eficaz para enfrentar a nossa própria existência.

## Conclusão

Na invenção da neociência ubuesca, lidamos com filosofia, ciência e arte. Ao longo desse texto, apresentamos os contornos da escrita que impulsionam tal feito. Voltamos a momentos considerados tensos, pois em jogo estava/está a vida. Do outro lado, a morte. Como educadoras, nos preocupamos com as ausências da escola. Nossa e dos estudantes. Nos vínculos que tentamos a todo custo manter. Nas práticas pedagógicas que lançamos mão para a escola continuar viva na casa de cada um de nossos estudantes. Recordar isso, de certo modo, nos incomodou novamente. Ao nos demorar sobre as práticas discursivas que lidam com humor grotesco e com verdades simbólicas em torno da própria vida, tendo a morte como possibilidade concreta, lembranças dos dias ruins retornam aos pensamentos. De novo, a sensação de sufocamento e angústia. Seria melhor esquecer. *Deixar pra lá*. Mas já não podemos. A impressão, nesse momento, é que isso tudo que nos aconteceu, veio para ficar. Estará sempre aí. Sempre esteve aí? As tais *ideias*, as tais *pessoas*. Nesse sentido, é urgente o registro. Registrar. Deixar por escrito o que nos aconteceu. Contar as coisas para, quem sabe, evitar que não mais se aconteçam. Oxalá! Trabalhando com as pesquisas já publicizadas em torno da pandemia, notamos que a preocupação não gira tão somente no que envolve a cientificidade. Há outros incomodados com as falhas nas mídias de comunicação, especificamente, com as publicações permitidas nas redes sociais. Um território que *tudo pode*. *Será?* As pesquisas analisadas mostram que os atravessamentos e fabricações de [in]verdades incomodam também aqueles que são da área da comunicação dita séria. Um alento. Essas práticas incomodam a nós, que somos da educação. Vivemos da ciência e da Educação em ciências. *Como conseguem imaginar tantas coisas?* Coisas absurdas. De repente, o absurdo que nos seduz, se torna dúbio. Mas nos chama a atenção. Prende. Inquieta. Enoja. Produz. Tecemos e destecemos, problematizamos as práticas que o absorvem. Torcemos, nesse movimento, para uma catarse. Damos ao absurdo potência de criação. De invenção. De fuga. *Como tais coisas imaginadas seduzem e produzem outras imaginações? Como olhar para tais imaginações?* No jogo, lançamos mão da 'Patafísica. Ao submetê-la ao exame das soluções imaginárias ubuescas,



outro e mesmo território, o científico, lhe é oferecido. Ela aceita. Tudo aceita. Mas não permanece. Em sua imperturbabilidade, ela examina as regras que criam tais soluções e as considera como algo não-patafísico, então sai. Contudo, nos alerta. Revela a máscara obscena de Ubu, enquanto Rei. Ainda, ela nos incentiva à *inventabilidade*, para não nos abandonar de vez ante ao grotesco das práticas discursivas no âmbito da cientificidade. A extemporaneidade perturbadora de Ubu e a quase implosão da ciência replicam-se em condutas. Modos de vida que transfiguram a biopolítica. Seguidores de uma soberania grotesca que levantam questões para além da política, talvez valha também pensar num estudo no âmbito da ética. Nessas variações, a 'Patafísica sussurra sobre a possibilidade de estarmos diante de uma neociência dos tempos modernos. *Talvez uma neociência ubuesca*, nos atíça. Com isso, o desafio de provar a possível existência dessa tal ciência. *Vão, usem a imaginação! Criem! Inventem!* Vamos aos arquivos. Revivemos os passos, reimaginamos as falas, os atos, as besteiras... a ciência que defendemos, sendo atacada por muitos lados. Lados que são lodos. Sinalizações de que é preciso fazer algo. Nos pomos a rastrear. Nesse rastreio, notamos que a tal *ciência grotesca*, ganha força onde a ciência deixa espaços. Fissuras que permitem o poder ubuesco agir. Vida e morte, verdades simbólicas e o riso irônico, grotesco, ubuesco estão ali. Junto deles, a imaginação ubuesca articula discursos. Estranhamentos em relação à ciência que merecem ser examinados. *Como pensar e fazer ciência diante do que presenciamos?* Na própria vida e na Educação em ciências, *como esses efeitos se mostram?* Por ora, ainda persevera a manutenção da vida. Assim, vivas para a 'Patafísica que faz ver o que está na superfície. Nos detalhes, nas exceções corriqueiras, naquilo que parece invisível, reluz uma ciência clandestina. Uma neociência ubuesca que desafia os pensamentos e as palavras. Que circula onde Ubu circula como Rei. Ao revirar nosso arquivo, a imaginamos. Inventamos sobre o arquivo e sob força da imaginação.

## Bibliografia

AQUINO, Julio Groppa. Uma ideia de arquivo: contributos para a pesquisa educacional. In: AQUINO, Julio Groppa. **Educação pelo arquivo**: ensinar, pesquisar e escrever com Foucault. São Paulo: Intermeios, 2019, p. 99-113.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.





BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACHELARD, Gaston. O novo espírito científico. In: BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Traduções de Joaquim José Moura Ramos (et. al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 90-179 (Os pensadores).

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BEZERRA, Josenildo S.; MAGNO, Madja Elayne S.P.; MAIA, Carolina T. Desinformação, antivacina e políticas de morte: o mito (d)e virar jacaré. Revista **Mídia e Cotidiano**, vol. 15, n. 3, Set./Dez. 2021.

BÖK, Christian. **'Pataphysics**: the poetics of an imaginary science. Thesis. (Doctor of Philosophy). Faculty of Graduate Studies of York University. Canadá, 1997.

BONTEMS, Vincent. **Bachelard**. 1. ed. Tradução de Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

CANDIDO, Jorge; LOGUERCIO, Rochele de Quadros. A ciência e suas imagens: tradução, representação e criação. **Policromias**. Revista de Estudo do Discurso, Imagem e Som. Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, Set./dez. 2020, p. 233-255.

CORAZZA, Sandra M., AQUINO, Julio Groppa (Orgs.). **Dicionário das ideias feitas em educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

DALMORO, Isabel C. **Educação Ambiental e o desdobramento do poder ubuesco: uma análise foucaultiana**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências). Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. 3. ed. São Paulo, Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Abecedário**. Transcrição integral do vídeo para fins exclusivamente didáticos. Realização Pierre-André Boutang. Produção Éditions Montparnasse, 1988-1989.

ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

FERRARO, José Luís Schifino. O Conceito de Vida: uma discussão à luz da educação. Revista **Educação & Realidade**, v. 44, n. 4, e90398, 2019, p. 1-13.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Tradução de Octanny S. da Mota e de Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977.





FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V**: Ética, Sexualidade, Política. Tradução de Elisa Monteiro e de Inês Aufran Dourado Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. 5ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. 3. ed. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

GALLO, Silvio. **Filosofia**: experiência do pensamento. 1 ed. São Paulo: Scipione, 2014.

GALVÃO, Túlio M. de Oliveira. **Para além da ciência**: por uma gaia ciência. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

GEHRKE, Marília. BENETTI, Marcia. A desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid-19: temas, plataformas e atores. Revista **Fronteras**: estudos midiáticos, v. 23, n. 2, maio/agosto 2021, p. 14-28.

HENNING, Paula Corrêa. Estratégias Bio/Ecopolíticas na Educação Ambiental: a mídia e o aquecimento global. Revista **Educação Unisinos**, vol. 23, n. 2, Abril/Jun. 2019, p. 367-382.

HENNING, Paula Corrêa. **Efeitos de sentido em discursos educacionais contemporâneos**: produção de saber e moral nas ciências humanas. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

JARRY, Alfred. **Ubu Rei** ou Os Poloneses. Tradução de Bárbara Duvivier e Gregório Duvivier. São Paulo: Editora Ubu, 2021. Ilustrado.

JARRY, Alfred. **Exploits & Opinions of Dr. Faustroll, pataphysician**: a neo-scientific novel. Translated & annotated by Simon Watson Taylor. Boston: Exact Change, 1996.



LEME, José L. C. O poder ubuesco e o meio riso. In: Resende, H. (Org.). **Michel Foucault: o ronco surdo da batalha**. São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes, 2018. p. 177-185.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MEDEIROS, Daniela Gomes. A Pandemia e o “novo normal”: Impactos no cuidado de si dos professores. In: SANTOS, Bruna Carolina de Lima Siqueira dos; JESUS, Iáscara Oara de. (Orgs.) **Michel Foucault e costuras contemporâneas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021, p. 106-121.

MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal: prelúdio de uma filosofia do futuro**. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira no sentido extramoral** Tradução de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

OBSERVATÓRIO COVID-19 BR. Disponível em: <https://covid19br.github.io/midia> Acesso em 11/04/2023.

PASTERNAK, Natalia; ORSI, Carlos. **Contra a realidade: a negação da ciência, suas causas e consequências**. 1. ed. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2021.

PINHEIRO, Josaine de Moura. **Estudantes forjados nas arcadas do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA): “novos talentos” da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2014.

POLLIN, Karl. **Alfred Jarry: L’Expérimentation du singulier**. Amsterdam-New York: Editions Rodopi B.V, 2013.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Tradução de Anderson Alexandre da Silva. Revisão técnica de Michel Jean Maurice Vincent. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

RIBEIRO, Élica S.; COSTA, Fernanda. A. G. O método da Cartografia e a Educação em Ciências: interlocuções. Revista **Ensaio Pesquisa Educação em Ciências**, Belo Horizonte, 2022, v. 24, p. 1-18.



SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. 1 ed. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANTOS, Suelen Assunção. **Docen ci/ç ação**: Do Dual ao Duplo da Docência em Matemática. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SHATTUCK, Roger. En el umbral de la 'patafísica. In: In: JARRY, Alfred. **'Patafísica**: epítomes, recetas, instrumentos & lecciones de aparato. Traducción de Margarita Martínez. Buenos Aires: Caja Negra Editora, 2016, p. 41-50.

SCHEERER, Thomas M. **Introducción a la Patafísica**: *lucus a non lucendo* (Quintilian). Revista Chilena de Literatura, n. 29, 1987, p. 81-96.

SOARES, Alessandro Cury; LOGUERCIO, Rochele de Quadros. **A ciência no Universo da Folia**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. 1. ed. Tradução de Max Altman. São Paulo: Editora 34, 2002.

STEVANIM, Luiz Felipe. **A história do cientista que precisou de escolta por provar que a cloroquina não funciona**. Efeitos da Anticiência. Revista Radis Comunicação e Saúde. Fundação Oswaldo Cruz, 08 de abril de 2021.

TIBURI, Marcia. **Ridículo político**: uma investigação sobre o risível, a manipulação da imagem e o esteticamente correto. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre de Sá; BERVENAGE, Berber. Negacionismo: História, historiografia e perspectivas de pesquisa. **Revista Brasileira de História**, v. 41, n. 87, 2021, p. 13-36.

*Recebido em: 25/04/2023*

*Aceito em: 15/05/2023*

---

[1] Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPgECi – UFRGS). Professora de Filosofia na Rede Estadual de Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC). Email: [isadalmore.filosofia@gmail.com](mailto:isadalmore.filosofia@gmail.com)



[2] Doutora e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu – UFRGS). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPgECi – UFRGS). Professora do Departamento Interdisciplinar (UFRGS). Email: [suelenass@me.com](mailto:suelenass@me.com)

[3] “Acrescentemos que Jarry chama de ‘ethernité’ (ethernity) o espaço ao redor da metafísica: um campo em que a realidade e a imaginação não se contradizem”. (Scheerer, 1987, p. 84).